

## EDWARD SAID E A TRADIÇÃO INVENTADA

Khalid Basher Mikha Tailche  
Universidade de São Paulo<sup>1</sup>

A tradição Inventada, para Edward Said, ocorre, primeiramente como resultado de um reflexo sobre sua própria trajetória e a diversidade de sua vida. Nascido na Palestina, na cidade de Jerusalém, numa casa de família cristã e pelas mãos de uma parteira judia, seu próprio nome é um encontro entre o nome típico inglês – “Edward” – com um nome típico árabe, “Said”. Seu pai tinha a cidadania americana e participou do exército americano na Primeira Guerra Mundial, e acabou deixando com sua família Palestina depois da criação do Estado de Israel.

Said viveu entre o Egito, o Líbano e, mais tarde, nos Estados Unidos para completar seus estudos. Ele descreve a si mesmo com onze anos ao entrar numa escola americana no Cairo dizendo: “Foi como um filho de negociante americano que não se sentia nem um pouco americano<sup>2</sup>”. Mais tarde, Said morou nos Estados Unidos, como cidadão americano, na cidade de Nova York, até 2003, ano de seu falecimento.

Na sua autobiografia, *Fora do Lugar* (1999), Said demonstra a diversidade da sua identidade, que foi influenciada pelos deslocamentos constantes e os desafios ao chegar a cada novo lugar. Said começa seu livro afirmando que “Todas as famílias inventam seus pais e filhos, dão a cada um deles uma história, um caráter, um destino e até mesmo uma linguagem<sup>3</sup>”. Ele sentia que algo estava errado nessa invenção da tradição familiar na qual ele vivia junto com suas quatro irmãs.

Essa sensação de estar fora de lugar que Said sentia, é o resultado tanto do contexto psicológico quanto físico, pelas mudanças constantes que Said tinha que viver. Essas mudanças no tempo e no espaço influenciaram a construção de sua identidade. Sobre isso ele afirma: “Às vezes me sinto como um feixe de correntes que fluem. Prefiro isso à ideia de um eu sólido, à identidade a que tanta gente dá tanta importância<sup>4</sup>”. Essas aparentes contradições na construção de si e o tipo de pessoa que a sua família queria que ele fosse é o resultado dessa tradição inventada.

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. / Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). e-mail: [khtailche@yahoo.com](mailto:khtailche@yahoo.com)

Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4265986Z6>

<sup>2</sup> SAID, Edward. **Fora de Lugar**: memórias. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 126.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 19.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 429.

Na visão de Said, a tradição inventada ultrapassa o âmbito social para incluir o sistema político, econômico, cultural e histórico. Estar fora de lugar significa estar em um movimento que não está sempre alinhado e que pode até levar ao choque, porém é uma forma de libertação das ideias fixas ou pré-estabelecidas.

Para Said, a tradição inventada é aquilo que parece ser uma verdade, mas que foi construído em cima de algo que contradiz tal verdade. Essa tradição inventada pode ser intencional ou não. Para Said, a história “escapa completamente da linguagem, da atenção e da memória<sup>5</sup>”. O resultado é a criação de uma tradição de acordo com o novo contexto.

Essa nova verdade construída não deve ser entendida como representação fiel dos acontecimentos na sua forma original. Sobre o conceito de “tradição inventada” do teórico Eric Hobsbawm, Said afirma que

these quite various practices can be read and understood together since they belong to compatible field of human experience, those Hobsbawm describes as attempting “to establish continuity with a suitable historic past<sup>6,7</sup>”

A invenção da tradição, para Hobsbawm (2000), é uma ideológica e não uma técnica. Portanto, ela não deve ser confundida com as ações de costumes ou de rotina. Ela representa uma reação a um contexto para relacioná-lo com o passado, ou para inventar seu próprio passado através da repetição.

Um bom exemplo da tradição inventada é o Orientalismo. Said demonstra como a imagem do Oriente foi inventada para servir aos interesses do colonizador e manter sua dominação. Para Said, essa dicotomia para distinguir todo o Oriente como um só, ignora toda a sua diversidade cultural, étnica, religiosa, além das complexidades das histórias e dos povos. Para Said, a invenção dessa disciplina sobre o Oriente, como uma disciplina acadêmica específica com o uso do sufixo “-ismo”, não faz sentido. Isto porque

falar da especialização erudita como um “campo” geográfico é, no caso do Orientalismo, bastante relevador, porque não é provável que alguém imaginar um campo simétrico chamado Ocidentalismo<sup>8</sup>.

Com a criação dessa área de estudo, foram dadas ao Oriente representantes e representações que falam em seu nome.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 145.

<sup>6</sup> HOBBSAWM, Eric; RANGER Terrence. **The Invention of Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

p.1

<sup>7</sup> SAID, Edward. **Culture and Imperialism**. New York: Vintage Books, 1994. p.32.

<sup>8</sup> SAID, Edward. **Orientalismo**. Trad. Rosaura Eichenber. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 86.

Em relação ao conflito árabe-israelense, Said utiliza sua própria trajetória para analisar os acontecimentos históricos. A guerra de 1967 levou Said a mais um deslocamento e ocupou seu pensamento para o resto de sua vida. Porém, sua visão precisa sobre este conflito vai além do conflito em si. Ele se recusa a colocar um campo contra o outro, mantendo sua consciência clara sobre as tradições inventadas de cada povo e seus contextos. Sua luta pela Palestina se baseia na sua postura política já estabelecida porque

o antiautoritaríssimo, a necessidade de romper o silêncio forçado e imposto, acima de tudo a necessidade de voltar a uma espécie de estado original do que era irreconciliável, e que por isso espalhava a destruição e estabelecia uma ordem injusta<sup>9</sup>.

Sem entender que qualquer tradição de qualquer povo é uma tradição inventada dentro de um determinado tempo e espaço, o conflito não terá fim. Dessa forma “a situação da Palestina em si é remediável, já que são os seres humanos que fazem a história, e não o contrário<sup>10</sup>”. O problema é que o longo conflito entre os Judeus Israelenses e os Palestinos tornaram essas nações “presos na visão do inferno do Sartre, ou seja, que o inferno são os ‘outros’<sup>11</sup>”. Eles recusam a ideia de que as duas partes estão naquela terra para ficar, e cada parte acaba se apoiando na sua própria tradição como única verdadeira.

Apesar dos ataques contra sua pessoa, como intelectual e ativista da causa Palestina, Said declarava claramente: “nunca defendi nada além da coexistência pacífica entre nós [os Palestinos] e os judeus de Israel, a partir do momento que a repressão e a expulsão dos palestinos por Israel parassem<sup>12</sup>”. Porém, as tentativas de difamação em descrevê-lo como pregador da violência nunca parou pela propaganda sionista.

A tradição inventada, no caso desse conflito, acaba gerando o ódio, que só serve para alimentar a raiva contra o “Outro” e prolongar o conflito. Said deixa claro que a ocupação da Palestina não deve ser comparada à colonização do mundo árabe. Apesar de utilizar métodos semelhantes, os próprios judeus foram vítimas do antissemitismo bem antes da declaração do Estado de Israel. Porém, a política de ocupação do governo Israelense está fazendo dos palestinos “a vítima das vítimas”.

<sup>9</sup> SAID, Edward. **Fora de Lugar**: memórias. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 426.

<sup>10</sup> SAID, Edward. **Cultura e Política**. Emir Sader (Org.). Trad. Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003. p. 66.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 109.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 111.

Said reconhece a dilema moral desse conflito em que o discurso gerado por cada lado, sendo uma tradição inventada pelo conflito, se transforma em um círculo vicioso. Ouçamos Said:

se nós todos temos de viver – esse é o nosso imperativo –, devemos conquistar a imaginação, não apenas de nosso povo, mas a de nossos opressores. E temos de agir de acordo com os valores democráticos e humanos<sup>13</sup>.

Precisamos estar atentos à tradição inventada. As duas partes envolvidas no conflito acreditam nela como uma verdade absoluta. Para Said, a única forma de acabar com a ocupação é através da criação de uma tradição de trabalho conjunto entre os palestinos e os israelenses.

O nacionalismo também pode ser entendido a partir do conceito de tradição inventada. Na época do pós-Segunda Guerra Mundial, do pós-colonialismo, e com a queda dos velhos impérios, vários novos estados foram criados. Isto significava que uma “nova era histórica estava nascendo, cujos contornos e cujas estruturas não seriam familiares justamente porque nelas havia muito que não era nem europeu nem eurocêntrico<sup>14</sup>”. Esses países, nascidos fora da Europa, adquiriram novas identidades que, muitas vezes, são contraditórias as suas histórias. Portanto, houve uma necessidade de narrar suas histórias, evitando a influência colonial nesse registro da memória, para formar a base desses novos estados independentes.

O nacionalismo faz parte de tradição inventada porque ele ultrapassa a questão administrativa ou burocrática para ser uma nova ideologia. No caso do Estado de Israel “as complexas camadas do passado, por assim dizer, foram eliminadas por uma Israel oficial<sup>15</sup>”. Fato semelhante aconteceu também em outros novos estados em que a história das minorias religiosas e étnicas foi apagada ao favor de uma nova identidade dominante.

Segundo Said:

as agendas nacionalistas, no entanto, tendem a se assemelhar, especialmente quando os diferentes lados de uma disputa territorial buscam legitimidade em atividades tão maleáveis quando a reconstrução do passado, e a invenção da tradição.<sup>16</sup>

Logo, a invenção da tradição, no caso do nacionalismo, pode apresentar um alerta quando sua narrativa define o conceito de cidadão de acordo com certa etnia, religião ou raça. No seu livro *Freud e os não Europeus* (2004), Said tece comentários sobre o livro de

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 109.

<sup>14</sup> SAID, Edward. **Freud e os Não Europeus**. Trad. Arlene Clemecha. São Paulo: Boitempo Editora, 2004. p.53 - 54.

<sup>15</sup> SAID, Edward. **Freud e os Não Europeus**. Trad. Arlene Clemecha. São Paulo: Boitempo Editora, 2004. p. 73.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 78.

Sigmund Freud *Moisés e o monoteísmo*. Freud, que apesar de ser judeu declarava que não acreditava em Deus, busca a identidade de Moisés. De acordo com Said, Freud acreditava que “Moisés era egípcio e, portanto, diferente das pessoas que o adotaram como líder – pessoas essas que se tornaram os judeus que Moisés parece ter criado depois como sendo o *seu* povo<sup>17</sup>”. Até o monoteísmo que se acredita haver sido iniciado com o judaísmo, de acordo com os egiptólogos, já tinha existido no Egito antes de Moisés.

Para Said, Freud está dividido: por um lado, pelo seu papel como o cientista que procura os fatos numa forma objetiva; e, por o outro, por ser um intelectual judeu que sofreu com o fascismo e o antissemitismo na Áustria e que teve que deixá-la em 1938 com a chegada do nazismo. A preocupação urgente de Freud não era para “satisfazer, muito menos aplacar, a necessidade que o leitor teria de uma conclusão<sup>18</sup>”, mas demonstrar que há outras questões que são mais urgentes. Freud reflete sobre a complexidade da sua própria identidade, e não procura uma verdade sólida da sua identidade em termos positivos ou negativos. Para Freud, mesmo que o próprio monoteísmo tenha sido emprestado de Egito, historicamente, ele foi Judeu.

A tradição inventada pode ser vista também em outros campos, como no caso do neoliberalismo que “aprisionou o mundo com suas garras, com graves consequências para a democracia e o meio ambiente, consequências que não podem ser subestimadas nem deixadas de lado<sup>19</sup>”. Nos Estados Unidos, enquanto alguns defendiam as políticas neoliberais, as privatizações que atingiram os serviços públicos de bem-estar social, acabaram deixando muitos cidadãos sem o amparo desses serviços pelo seu alto desde o início dos anos de 1990.

Quem paga o preço dessa política neoliberal é o cidadão que “se sente deixado de lado, sem poder, alienado de um mercado que é dirigido pela ganância, por imensas corporações transnacionais e por um governo à mercê daquele que lhe pague mais<sup>20</sup>”. Aqui também a verdade inventada sobre a globalização, na forma de fundamentalismo de livre mercado, é contraditória. O neoliberalismo que construiu sua tradição com base no que parece ser a verdade de livre mercado, e se vestiu com os trajes da democracia, acabou produzindo várias crises e se demonstrou como um assalto à própria democracia.

---

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 65.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p.60.

<sup>19</sup> SAID, Edward. **Cultura e Política**. Emir Sader (Org.). Trad. Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003. p. 88.

<sup>20</sup> SAID, Edward. **Cultura e Política**. Emir Sader (Org.). Trad. Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003. p. 90.

Dessa forma, o fundamentalismo de livre mercado serve como um exemplo da tradição inventada na sua forma negativa.

Nesse processo de construção da tradição inventada, Said chama a atenção para a “arte da memória”. Segundo Said, a “tradição inventada” de Hobsbawm pode ser definida como

a method for using collective memory selectively by manipulating certain bits of the national past, suppressing others, elevating still others in an entirely functional way. Thus memory is not necessarily authentic, but rather useful.<sup>21</sup>

A preocupação de Said se direciona para a maneira pela qual a arte da memória está se tornando uma forma de recuperar o passado nos difíceis e confusos tempos modernos. Para Said, a memória está quase sempre manipulada para servir a um contexto atual urgente, mas a arte moderna da memória está mais apta à invenção para reordenar e reimplantar. Para Said, o conjunto de tradição inventada – memória, local, invenção – pode servir negativamente como meio de exclusão, ou positivamente como uma forma de libertação.

---

### Referências

- HOBSBAWM, Eric; RANGER Terrence. **The Invention of Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- SAID, Edward. **Cultura e Política**. Emir Sader (Org.). Trad. Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Orientalismo**. Trad. Rosaura Eichenber. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p.86.
- \_\_\_\_\_. **Fora de Lugar: memórias**. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Freud e os Não Europeus**. Trad. Arlene Clemecha. São Paulo: Boitempo Editora, 2004.
- \_\_\_\_\_. Invention, Memory, and Place. *Critical Inquiry*, Vol. 26, No. 2 (Winter, 2000), pp.175 – 195. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/1344120>. Acesso: set/2011.

---

**RESUMO:** Partindo do conceito de “invenção da tradição” de Eric Hobsbawm (2000), a tradição inventada, para Edward Said (2000), trata de uma verdade que parece ser autêntica, mas é construída a partir de uma base que contradiz essa verdade. Nesse sentido, procuramos explorar a influência desse conceito nas obras do teórico Edward Said, que é um reflexo da diversidade presente na vida de Said.

**Palavras-chave:** Arte da Memória; Edward Said; Tradição Inventada; Teoria Literária; Verdade.

---

<sup>21</sup> SAID, Edward. Invention, Memory, and Place. *Critical Inquiry*, Vol. 26, No. 2 (Winter, 2000), Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/1344120>. Acesso em: set/2011, p. 179.

ABSTRACT

**ABSTRACT:** Based on the concept of "the invention of tradition" proposed by Eric Hobsbawm (2000), the invented tradition, for Edward Said (2000), is a truth that seems to be authentic, but it is built up from a foundation that contradicts this truth. In this article we aim to explore the influence of this concept in the works of Said, which is a reflection of the diversity present in his own life.

**Keywords:** Art of Memory, Edward Said, Invented Tradition, Literary Theory, Truth.

